

Barbara Freitag

O *Nouvel Observateur* (9-15 Mars 1989/3) fala "de um dos grandes livros dos últimos dez anos", que "promete fazer ruido"! e "azedar" o vinho dos festeiros do Bicentenário da Revolução Francesa. *Le Monde des Livres* (10-3-1989) dá destaque ao brilhantismo e ao rigor de seu autor. Pierre Bourdieu explica: burguesia francesa de hoje, convertida em "nobreza" por um sistema escolar altamente seletivo e competitivo, encontrou neste sistema seu instrumento ideal de reprodução. Trata-se de *La noblesse d'Etat*, último livro do francês Pierre Bourdieu lançado com grande repercussão no mês passado em Paris.

Para os condecedores da obra de Bourdieu, a tese não é nova. Ela já fora enunciada em *Les héritiers* (1964), reafirmada em *La reproduction* (1970), consolidada em *La distinction* (1979) e empiricamente comprovada em *Homo academicus* (1984). O "ruído" em torno do livro sobre a nova aristocracia francesa não é mero sensacionalismo da indústria cultural parisiense. O livro é efetivamente o coroamento da obra de Bourdieu, a síntese de ampla pesquisa de campo; um marco teórico e metodológico para sociólogos e educadores; uma revelação para estudantes e políticos.

Mesmo assim, os intelectuais e tecnocratas no poder podem saborear tranquilamente o seu Château Neuf du Pape e saudar a Revolução Francesa. Eles devem seus privilégios e a sua legitimidade a essa Revolução. Bourdieu o afirma e confirma: não se trata de uma *noblesse de robe* mas de uma *noblesse d'école*, não se trata de uma elite leviana que herdou gratuitamente o poder, mas de uma elite que conquistou a dura penas seu lugar ao sol, enfrentando os emaranhados de um sistema escolar exigente, seletivo e classificador. Os novos aristocratas são tecnocratas competentes. A nobreza de escola é filha legítima da Revolução. A revelação de Bourdieu não consegue azedar o vinho. Contudo, seu livro confirma a ambiguidade da própria Revolução, que ao mesmo tempo realizou os ideais do Iluminismo e os deformou. As "grandes Écoles" não constituem nenhuma exceção.

Aos políticos e à sociedade francesa em geral o livro revela que não são mais os egressos da Rue d'Ulm e sim os da ENA que controlam o poder na França, produzindo ao mesmo tempo inquietação e satisfação nas elites dirigentes. A inquietação fica por conta daquelas famílias burguesas, ricas em "capital cultural", que apostaram na École Normal Supérieure (ENS) para a formação intelectual e profissional dos seus filhos. A satisfação está do lado daqueles *parvenus* da burocracia estatal que optaram pela École Nacional d'Administration (ENA).

"O livro de Bourdieu retoma um velho tema: a escola libertadora é um mito, ela é o mecanismo central de um modo de reprodução".

O que para qualquer francês é o óbvio, merece algum esclarecimento para o leitor estrangeiro. A Escola Normal Superior (para rapazes), na rue d'Ulm, em Paris, foi criada por decreto de 9 brumário, ano III da Revolução, ou seja, em 30-10-1794, para assegurar a formação de professores de nível superior. Sob Napoleão, que restaurou as universidades abolidas com a Revolução, a ENS foi anexada à Universidade de Paris, mantendo contudo sua autonomia financeira. Transformou-se com o tempo no centro, por excelência, da formação da intelectualidade francesa (o próprio Bourdieu formou-se aqui). A ENS forneceu, durante a III e IV República, além de grandes nomes da ciência, pesquisa e docência, grande parte dos políticos da França, de primeiro escalão. A ENA foi criada em 1945, por iniciativa do governo provisório de De Gaulle, para formar os quadros superiores da administração, estando hoje diretamente subordinada ao Primeiro-Ministro. Sua vinculação com a universidade é indistinta. Esta fornece os candidatos ao concurso externo da ENA, geralmente procedentes do Instituto de Estudos Políticos, integrado à universidade. É, portanto, um órgão do Estado que forma os quadros de profissionais para a burocracia de alto escalão do Estado.

La noblesse d'Etat desvenda, essencialmente, a luta pelo poder entre essas "grandes Écoles" de França, reafirmando a velha tese das oposições e dos conflitos de interesse existentes em um mesmo campo do poder, no caso o campo intelectual. Quando o texto fala das Escolas ou da Escola com E maiúsculo, ele não se refere nem à escola primária ou secundária, nem ao sistema escolar em geral, mas às instituições de elite, de ensino superior, especializadas em formar os quadros intelectuais e políticos da Nação. Tomando-se como ponto de referência a data de 1789, as duas Escolas podem ser encaradas como "usurpadoras" do poder aristocrático. A ENS (da rue d'Ulm) transformou-se em centro de excelência da burguesia revolucionária que usurpou o poder da aristocracia "de robe"; a ENA transformou-se em centro de formação dos quadros administrativos superiores da burguesia estatal do pós-guerra, usurpando o poder dessa nova "aristocracia intelectual". Em ambos os casos, o Estado Republicano cria canais de ascensão e controle, via instituições escolares, no dizer de Bourdieu, "máquinas" de excelência e competência que diferenciam, segregam, mistificam e elitizam, conferindo prestígio e altos salários, assegurando poder e controle.

O livro de Bourdieu também é uma revelação para os cientistas sociais e condecedores do assunto: não tanto pelos resultados obtidos, mas pelo seu processo de produção. Nesse sentido, *La noblesse d'Etat* é um novo clássico da sociologia, teórica e metodológica falando.

Bourdieu mostra, da introdução às conclusões, das notas de pé de página aos anexos, das referências bibliográficas aos questionários, da ilustração empírica à abstração teórica, que ele domina o seu *métier* de sociólogo. E seu trabalho tem um sentido, tem sua razão de ser: elucidar a prática cotidiana na qual se envolvem consciente e inconscientemente os grandes e pequenos intelectuais, tecnocratas e políticos para garantir a melhor fatia do bolo.

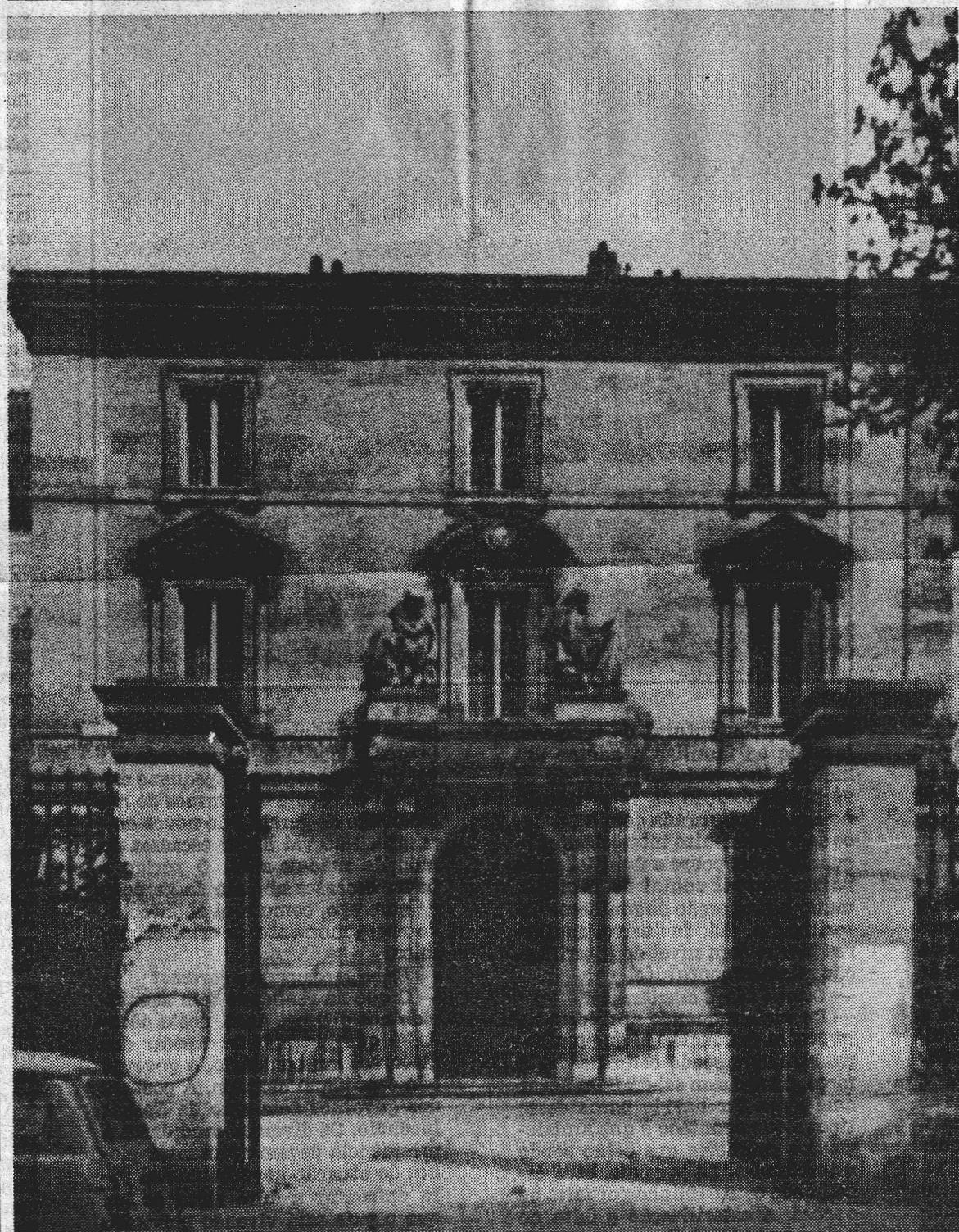
O último livro de Bourdieu torna transparentes as estruturas econômicas e de poder, relacionadas e analisadas a partir do recrutamento de suas lideranças dentro e fora da universidade. Os diferentes campos sociais, hierarquizados no eixo vertical em dominantes e dominados, diferenciam-se ainda no eixo horizontal em grupos de interesses opostos que se polarizam e antagonizam. É o caso das "grandes Écoles". Elas fazem parte de um campo de poder onde assumem o topo da hierarquia social. Neste ocorre uma polarização em ENS e ENA, havendo outras Écoles intermediais (como a École Polytechnique, a École de Hautes Études, as Escolas Normais Superiores de Província etc.).

Para fundamentar essa hipótese, o autor de *La noblesse d'Etat* gastou mais de 20 anos de pesquisa,

Educação

A nova elite vem da escola

Em seu livro mais importante, *La noblesse d'Etat — grandes écoles et esprit de corps*, que acaba de ser lançado em Paris, o sociólogo Pierre Bourdieu traça a ascensão de uma nobreza — herdeira da Revolução Francesa — que conquistou duramente seu lugar ao sol



A École Normal Supérieure (foto), mais conhecida como École de la rue d'Ulm, foi criada sob a Revolução Francesa, por decreto de 9 brumário, ano III da Revolução, ou seja, 1794. Sob Napoleão, ela foi anexada à Universidade de Paris, mantendo contudo sua independência financeira. Seus alunos são selecionados através de um concurso nacional

anual. A escola aceita apenas rapazes. As mulheres se candidataram à École Normale Supérieure de Jeunes Filles, fundada em 1881 e instalada, desde 1940, no boulevard Jourdan, também em Paris. Grande parte dos principais intelectuais franceses vivos saiu dos bancos destas duas escolas, entre eles o próprio Pierre Bourdieu. Em seu novo livro,

Bourdieu mostra como o prestígio dos alunos da rua d'Ulm ficou um tanto abalado depois da criação, em 1945, durante o governo de De Gaulle, da École Nationale d'Administration, que passou a formar quadros para a burocracia de alto escalão do Estado. E como é o entrechoque entre estas grandes escolas que se fortalece o poder do campo intelectual francês.

envolveu colegas (Monique de Saint-Martin, Baudelot e outros), entrevistou estudantes e egressos das "grandes Écoles", consultou administradores e estatísticos. Além do estudo detalhado de todas as grandes e pequenas Écoles de Paris e da Província (o estudo da Universidade já fora realizado e publicado à parte, no *Homo academicus*), investigou centenas de empresas, clubes, conselhos administrativos públicos e privados. Recorreu a amostras e questionários escritos, entrevistas de profundidade e telefonemas. Consultou encyclopédias e livros, incluiu artigos de jornal, relatórios de empresas. Cruzou dados oficiais com dados sigilosos, como por exemplo os julgamentos de bancas examinadoras, pareceres de teses, saudações elogiosas a colegas etc. Em suma, incluiu todo tipo de informações disponíveis, citando com astúcia até mesmo necrológios, memórias, biografias, denúncias... Longe de perder-se no emaranhado desestruturado e desestruturante desse material múltiplo e aparentemente desorganizado, Bourdieu consegue dar-lhe forma e coerência. Descobre (literalmente) suas estruturas conscientes e incons-

cientes, desnuda as funções manifestas e latentes das instituições estudadas. Bourdieu consegue assim o impossível: dar *Gestalt*, isto é, forma coerente, aos mecanismos de recrutamento das elites francesas, criando uma totalidade estruturada. É a própria Torre Eiffel iluminada por dentro, revelando, no esqueleto de ferro exposto aos holofotes, a lógica de seu princípio de estruturação.

Bourdieu não segue uma metodologia legitimada pela ciência institucionalizada. Rompe todas as regras, corre todos os riscos, comete todas as infrações, arrisca todas as deslealdades em nome de um princípio maior: produzir e reproduzir em sua estrutura dinâmica a realidade social criada e assegurada pelas "grandes Écoles": a nova hierarquia que se consolidou depois da Revolução histórica. Bourdieu abre assim seus próprios caminhos, cria, como o fizera Marx, uma nova metodologia de análise e crítica da sociedade contemporânea.

Bourdieu não segue nenhuma teoria. Parasita todas, sem aderir a nenhuma. Faz empréstimos ao marxismo e à fenomenologia, ao estruturalismo e ao

historismo, ao interacionismo simbólico e à teoria da ação. Rejeita o racionalismo em nome da razão, o subjetivismo em nome do sujeito, o estruturalismo em nome da estrutura. Bourdieu produz sua própria teoria. Aliás, seus leitores habituados reencontrarão os conceitos já familiares de "campos", "habitos", "esquemas", "capital cultural" e "capital escolar", "violência pedagógica", "ação pedagógica" e outros conceitos em circulação desde o lançamento de *La reproduction*. Mas enquanto nesse trabalho os conceitos pecavam por um excesso de formalismo e abstração, os mesmos conceitos parecem ganhar vida na *Noblesse d'Etat*, dando sentido aos dados coletados.

O livro de Bourdieu retoma um velho tema e fortalece as críticas contidas em seus livros anteriores: a escola libertadora é um mito, ela passa a ser o mecanismo central de um modo de reprodução, que perpetua as estruturas da desigualdade.

Estruturalmente não há diferença entre o *Ancien régime* e a *República de Mitterrand*.

As análises estatísticas e a riqueza de dados revelam a "afinidade elética" existente entre as profissões exercidas pelos pais e pelos filhos. Conferindo dados estatísticos de várias gerações de egressos das "grandes Écoles" e confrontando-se com os dados das origens socioeconômicas dos atuais estudantes das diferentes escolas de alto nível, Bourdieu encontra a confirmação de uma regra estatística: os filhos de professores e egressos da ENS tendem a ocupar as vagas dessa "École" de maior prestígio social e intelectual. Os filhos de dirigentes de empresas (multinacionais, estatais e privadas), que até o período da Segunda Guerra Mundial ocupavam as vagas da École Polytechnique e de postos estratégicos da administração estatal, optam hoje por duas alternativas: quando se formam na Polytechnique tendem a migrar para os comandos das empresas, abandonando o controle estatal aos "enarcas", ou se vêem forçados a deixar a carreira de engenheiros, formando-se como administradores e ingressando nos serviços do Estado, para aqui assumir cargos dirigentes. Os filhos dos burocratas de primeiro e segundo escalão tendem hoje a ocupar as vagas da ENA, assumindo, após sua formatura, automaticamente os cargos dirigentes do governo.

Enquanto se processam essas alterações sutis na cúpula do poder, no campo intelectual e do poder, os filhos de trabalhadores manuais, pequenos comerciantes, agricultores e operários, raramente ascendem às "grandes Écoles". Quando isso acontece, são totalmente cooptados, rompendo as relações com sua classe de origem. As tendências estatísticas comprovam, assim, que, "estruturalmente" falando, nada mudou. Segundo Bourdieu, a sociedade francesa do século 20 continua sendo "estruturalmente" a mesma do século 18.

Cabe examinar, mais de perto, este "estruturalmente falando". Sobrepondo-se por exemplo as percentagens dos netos de operários, agricultores e pequenos empregados, que se encontravam matriculados na ENA ou na ENS nos anos da pesquisa (1968/70), o total ultrapassa os 25% no primeiro e 30% no segundo caso. (cf. p. 352/3). Ou seja, quase um terço dos *normalistas* e mais de um quarto dos *enarcas* que formam as elites intelectuais e políticas da França de hoje provêm das classes trabalhadoras do começo do século.

Diante dos dados fornecidos pelo próprio Bourdieu, fica difícil sustentar a tese de que a estrutura social francesa "praticamente não mudou" nesses últimos 200 anos. Recorrendo-se adicionamente a outras fontes, como por exemplo o estudo igualmente crítico realizado por Baudelot e Establet (*Le niveau monte*, 1989) delineiam-se mudanças estruturais e qualitativas que não constam da análise de Bourdieu. No estudo mencionado, os autores mostram que houve uma equiparação das chances educacionais de rapazes e moças, especialmente nos últimos 20 anos, incluindo-se todos os níveis da formação escolar. As mulheres francesas, mais que qualquer outra categoria social, souberam beneficiar-se da dimensão emancipatória contida no sistema escolar, concorrendo, hoje, em pé de igualdade com os homens a todos os cargos.

E o que isso tem a ver com a "nossa realidade", com o Brasil? Em que sentido as análises de Bourdieu se aplicam à realidade social e escolar brasileira? Não estariam as suas idéias sobre a reprodução das estruturas fora da França, "fora do lugar"?

Bourdieu não é nenhum desconhecido para os sociólogos e educadores brasileiros. A sua obra foi brilhantemente introduzida e divulgada por Sérgio Miceli (1974) e Renato Ortiz (1983) e usada para inúmeras análises do campo educacional e científico. Seu livro *A reprodução — Elementos para uma teoria do sistema de ensino* formou gerações de educadores brasileiros e seu *Le métier de sociologue* virou leitura obrigatória dos cursos de sociologia. Qual a "abertura" que o novo livro de Bourdieu pode dar ao leitor brasileiro?

Ao transpor o seu esquema de análise irrefletidamente para o Brasil, como freqüentemente tem acontecido, deturpa-se a realidade, mistifica-se aquilo que se pretende desvendar. Na pior das hipóteses, reproduz-se, de forma banal, a tese da reprodução.

A crítica ferrenha de Bourdieu contra a "competência" dos intelectuais e tecnocratas, coroados com os mais altos títulos do mundo acadêmico e que hoje controlam o governo e os ministérios franceses, perde entre nós todo sentido. Se no Brasil o recrutamento dos altos funcionários do governo, assessores de ministros, diretores dos bancos nacionais e das empresas estatais funcionasse segundo os mecanismos da competência escolar e profissional, respeitando carreiras regulamentadas e asseguradas pelo Estado, como é o caso na França de hoje, não teríamos testemunhado os recentes escândalos do "empreguismo" de familiares e amigos na burocracia estatal brasileira.

Se as instituições de ensino superior (IES) tivessem o prestígio e a seriedade das "grandes Écoles", se as carreiras públicas fossem estruturadas e vinculadas às instituições formadoras dos seus quadros, se os salários correspondessem efetivamente aos níveis de competência como Bourdieu mostra com seus diagramas eloquentes, se... não estariam os Brasileiros falando da sociedade brasileira contemporânea.

Para que as idéias fiquem no lugar que lhes cabe, não pode simplesmente "importar" e "reproduzir", é preciso converter a moeda ao câmbio local: pesquisar com a competência de Bourdieu os mecanismos do saber competente entre nós, em toda a riqueza de sua dialética: fator de elitização tecnocrática, mas também condição para romper pelo conhecimento as estruturas da desigualdade.

Barbara Freitag é socióloga e autora de *Escola, Estado e Sociedade e Política educacional e indústria cultural*

"A crítica ferrenha de Bourdieu contra a 'competência' dos intelectuais perde entre nós todo o sentido".